Tradução

"Estamos tentando destruir o mundo". Antinegritude e violência policial depois de Ferguson: uma entrevista com Frank B. Wilderson III[1]

Tradução:
Felipe Coimbra Moretti
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional/UFRJ

Jared Ball: Gostaríamos de começar discutindo uma pergunta que lhe fizeram em uma entrevista na qual estávamos presentes. Alguém fez uma pergunta sobre a brutalidade policial. Você respondeu, "Não sou contra a brutalidade policial, sou contra a polícia". Podemos começar com essa pergunta? Você poderia dizer algo sobre os eventos recentes em Ferguson, Missouri, e sobre a violência policial recorrente contra negros nos EUA e mundo afora?

Frank Wilderson, III: Isso aconteceu na livraria de Haile Gerima, em Washington, DC[2], e era uma plateia só negra, então eu não estava muito na defensiva. Talvez eu tivesse falado de outro jeito em uma sala de aula, quem sabe. O que quis dizer – bom, era meio que uma piada – mas é claro que eu detesto a brutalidade policial. Faz dez anos que eu não sou agredido pela polícia, mas quando aconteceu, eu detestei aquilo. Tenho ódio dessa violência. No entanto, creio que meu trabalho busca dizer que as pessoas negras nos EUA e no mundo inteiro – e eu digo isto de forma categórica – são as únicas pessoas para as quais não é produtivo falar em termos de "brutalidade policial". Sei que somos obrigados, porque somos forçados a falar nestes termos e de certa maneira toda fala negra é uma fala coagida, no sentido que você sempre está num contexto que a Saidiya Hartman chamaria de um contexto de escravidão. Toda vez que você fala, você tem que pensar, "Quais serão as consequências de dar minha opinião?".

O mundo – e isso se aplica à *Democracy Now!*[3], se aplica aos nossos camaradas pós-coloniais também – não está pronto para pensar como a ação policial afeta os negros. Então, o que fazemos é diminuir a escala da abstração, para não mostrar ao mundo a totalidade da nossa relação com a polícia, que somos o seu alvo o tempo inteiro e em qualquer lugar. Temos que dar

[1] Traduzido de "We're trying to destroy the world". Anti-Blackness & Police Violence After Ferguson: An Interview with Frank B. Wilderson III. Disponível em: https://illwilleditions.noblogs.org/files/2015/09/Wilderson-We-Are-Trying-to-Destroy-the-World-READ.pdf/.
[2] N.T.: Wilderson se refere aqui à livraria negra Sankofa, fundada em 1998. Seu proprietário, Haile Gerima (n. 1946), é um cineaste de origem etíope que teve grande impacto na cinematografia afro-estadunidense.
[3] N.T.: *Democracy Now!* é uma conhecida plataforma midiática de centro-esquerda nos Estados Unidos.

ao mundo algum tipo de discurso, algum tipo de análise em pedacinhos digeríveis que eles aceitem, para que tenham alguma empatia por nós, algum tipo de adjudicação política ou legal. E é por isso que a brutalidade policial vira o ponto focal do problema.

A brutalidade policial nunca definiu o nosso problema. O nosso problema é o problema do cativeiro total, do nascimento até a morte e da coerção como o ponto inicial da nossa interação com o Estado e com cidadãos brancos comuns (e com latinos, asiáticos e indígenas comuns). Então quando eu estava naquela sala e eu disse "Eu não odeio a brutalidade policial, eu odeio a polícia", acho que a maioria das pessoas lá imediatamente me entendeu, mas também entendeu os problemas de sair de lá e dizê-lo publicamente.

Aqui tenho um pequeno exemplo de como esse enigma ou paradoxo afeta como nos comunicamos com pessoas brancas e os nossos tais aliados de cor[4]. Em Tulia, Texas, em 1999, 45 negros e uns dois latinos foram presos numa operação antidrogas à noite. Ou seja, aproximadamente dez por cento da população negra da cidade foi presa numa noite só. Todos foram condenados. Existe um filme sobre o acontecimento que dá para achar na internet. E o que me interessa nele não é o estilo emancipatório e político do filme, que termina dizendo, "no final, conseguimos reverter a maioria das condenações, porque o policial infiltrado não tinha evidência dos crimes". Houve um único agente que indiciou 45 negros e dois latinos. Mas ele não foi ao juiz com cocaína. Ele foi com a sua testemunha. E o que me interessou foi que quando os jurados foram perguntados sobre isso, quando os entrevistadores disseram, "Então vocês condenaram esses garotos, alguns a 200 ou 300 anos de reclusão, sem nenhuma evidência, mas a partir da testemunha de apenas um policial. Você gostaria que isso acontecesse com seus filhos?", um jurado respondeu, – sem nenhuma ironia – "Bom, se fosse meu filho, eu precisaria ter evidências."

Então o problema não está onde o filme o situa ou onde a mídia o situa, isto é, nas *ações descontroladas* da polícia. O problema está na economia libidinal; quer dizer, no inconsciente coletivo de todo mundo menos nós. E se nós realmente entendêssemos isso melhor, nós saberíamos que a negritude *já é e sempre está* criminalizada no inconsciente coletivo. O único problema para a supremacia branca e para a antinegritude quando atinge pessoas negras no México, por exemplo, é um problema de *logística,* de *mecânica*, ou seja, "como criminalizar?" Não é uma questão de algo errado estar acontecendo – de que estes negros existem ou sofrem sob a brutalidade policial. O policiamento, o policiamento da negritude, é o que permite a sanidade

[4] N.T.: No original, *allies of color*. A noção de uma aliança entre os vários grupos racializados nos EUA – latinos, negros, asiáticos e indígenas – remonta desde pelo menos o final dos anos 60, quando as Panteras Negras estabelecem na Califórnia a unidade tática e política com o grupo latino Young Lords sob o nome de *Rainbow Coalition*, ou "Coalizão Arco-íris".

mental do resto do mundo. E se começássemos a ver o policiamento e a mutilação e a agressividade dirigida à negritude não como uma forma de discriminação, mas como uma forma de saúde psíquica e de bem-estar para o resto do mundo, então poderíamos reformular o problema e dar-lhe uma resposta bem mais iconoclástica.

JB: Essa ideia de que há uma certa necessidade para a qualidade de vida – isto é, que a existência de uma perspectiva antinegra é vital para os que mutilam, torturam e aterrorizam pessoas negras...qual é o obstáculo para que as pessoas negras possam entender isso? Algumas pessoas, como o Fanon, a Frances Cress Welsing[5], etc., já tentaram captar a relação psíquica entre o aterrorizador e os aterrorizados, mas a maioria das pessoas não chegaria a dizer que existe uma saúde e até um prazer na economia libidinal para os brancos ensejarem uma perspectiva antinegra. O que impede que as pessoas entendam isso?

FW: Embora meu trabalho seja razoável, eu fortemente recomendaria que nossos ouvintes lessem dois autores negros: Hortense Spillers[6] e a obra *Pele negra, máscaras brancas*, do Fanon, especialmente naqueles momentos quando não há palavras para lidar com o que se enfrentou na vida. O que normalmente fazemos – e não é uma crítica, temos que ajudar as pessoas negras a enfrentar o dia-a-dia, que é o trabalho de psicólogos e psicanalistas negros – mas também precisamos de pessoas que nem eu, que apontam para o fracasso do que Fanon chamou da "infraestrutura saudável da psiquê". E depois eu sugeriria a leitura mais inflexível de David Marriot e Jared Sexton, que trabalham com a psicanálise, mas não oferecem nenhuma cura.

O problema é que basicamente todo outro grupo vive num contexto de violência que possui o que eu chamaria de um tipo de aterramento psicológico, o que significa que eles podem escrever uma frase sobre porque eles sofrem aquela violência. Os indígenas podem escrever uma frase que diz, "Eu estou sofrendo violência, porque ela é uma tática contínua dentro de uma estratégia de colonização". As feministas brancas podem dizer o mesmo, que "essa é uma tática contínua dentro de uma estratégia do patriarcado". Se uma pessoa negra tentar tomar para si mesma esse tipo de olhar interpretativo, o problema fica muito maior. Para nós, é uma tática contínua dentro de uma estratégia da renovação Humana. A violência contra nós vira uma tática

---

[5] N.T.: Frances Cress (1935 – 2016) foi uma psiquiatra afrocentrista estadunidense cujo trabalho recaía sobre o genocídio de povos negros e seu sofrimento psíquico. Sua obra mais conhecida é *The Isis Papers: The Keys to the Colors* (1992, inédito no Brasil).

[6] N.T.: Hortense Spillers (n. 1942) é uma teórica da literatura afro-estadunidense cuja importância para o desenvolvimento do que viria a ser chamado o afropessimismo é inestimável. Em 1987, publica o artigo seminal "Mama's Baby, Papa's Maybe: An American Grammar Book", que, ao analisar o *Moynihan Report*, estudo governamental sobre a família negra nos anos 60, à luz da escravidão nos EUA, desenvolve uma crítica poderosa em volta dos temas da sexualidade, feminilidade e parentesco negros. Ver SPILLERS, Hortense J. Mama's Baby, Papa's Maybe: An American Grammar Book. **Diacritics**, vol. 17, no. 2, 1987, pp. 65–81.

dentro de uma estratégia de assegurar o lugar da Humanidade. Não é uma tática dentro de uma estratégia contínua de tomar nossas terras ou retirar nossos direitos. Nós nunca tivemos direitos.

A outra questão é que a nossa psiquê não segue as leis objetivas de uma estrutura. O jeito simples de explicá-lo é dizer que nós existimos no meio de uma superviolência externa e existimos no meio de uma confusão interna que tem o ódio de nós mesmos como um de seus elementos principais. Uma das coisas que Marriot e Fanon dizem é que, de forma genérica, a estrutura pela qual os seres humanos são reconhecidos por outros seres humanos e incorporados em uma comunidade de seres humanos é anti-escrava. E a escravitude[7] é algo que tem consumido a negritude e a africanitude, tornando impossível separar a escravidão da negritude. Mesmo se eu me disser "Eu não sou um Escravo", não somos nós que decidimos o que acontece. Sabemos todo dia, antes de sair de casa – e eu acho que o negro americano descobre mais cedo, talvez aos três anos de idade; o negro caribenho e africano talvez mais tarde, como Fanon escreve, "Eu tinha 18 anos quando descobri" – que não podemos entrar numa estrutura de reconhecimento enquanto um ser, que não conseguimos a incorporação a uma comunidade de seres, sem a completa destruição do reconhecimento e da incorporação. Sabemos que nós somos a antítese do reconhecimento e da incorporação. E de vez em quando chegamos a um ponto que não podemos nem chamar isso de política, porque é maior do que política; chegamos a um ponto de mobilização e organização e teorização que de certa maneira é formada por esse estado, e só botamos tudo para fora. Eu acho que Harriet Tubman[8], Nat Turner[9] e o Exército de Libertação Negra[10] [doravante BLA] são exemplos disso. Mas a reação a estes momentos, quando reconhecemos que não podemos ser reconhecidos...a reação é tão exageradamente violenta que ela não tenta terminar o conflito, como na Argélia ou no Vietnã. Ela tenta nos esmagar para que ninguém nunca mais bote essas ideias na cabeça.

Normalmente, as pessoas não são radicais. Normalmente, as pessoas não estão lutando contra o sistema. Normalmente, as pessoas só estão tentando viver, ter um pouco de romance e dar de comer aos seus filhos. E o que as pessoas querem é serem reconhecidas, é serem

---

[7] N.T.: No original, *slaveness*, a qualidade metáfisica de ser escravizado.

[8] N.T.: Harriet Tubman (1822 – 1913) foi uma abolicionista estadunidense famosa pela sua coragem e determinação. Não só fugiu da escravidão, como voltou ao Sul dos EUA inúmeras vezes para ajudar outros escravizados a fugir. Estima-se que ajudou a libertação de por volta de setenta pessoas. Na Guerra Civil estadunidense, lutou no lado do Norte como combatente e espiã. Na sua velhice, foi membra destacada do movimento pelo voto feminino.

[9] N.T.: Nat Turner (1800 – 1831) foi um pregador que liderou em 1831 uma das maiores rebeliões negras na história dos Estados Unidos no sul da Virgínia, onde os negros eram maioria demográfica. Figura mística, tinha o apelido de "o Profeta"; afirmava que um eclipse solar, entendido por ele como uma mão negra agarrando o sol, havia sido o sinal divino para a rebelião.

[10] N.T.: No original, *Black Liberation Army*. O BLA foi um grupo revolucionário armado formado por ex-integrantes das Panteras Negras nos anos 70 e que tinha como objetivo a libertação do povo negro nos EUA. Assata Shakur e Eldridge Cleaver são seus líderes mais conhecidos. Ex-membros encarcerados do BLA, como Kuwasi Balagoon (1946 – 1986), são conhecidos pela sua simpatia ao anarquismo e contribuições ao anarquismo negro nos EUA.

integradas. Então quando percebemos que o reconhecimento e a incorporação são categoricamente antinegros, normalmente não pegamos em armas e lutamos contra o sistema; normalmente, buscamos o reconhecimento, a incorporação, mesmo que isso seja impossível. E eu acho que a nossa linguagem é sintomática quando dizemos que não gostamos da brutalidade policial. Porque aí estamos dizendo ao mundo, aos tais de aliados de cor e aos progressistas brancos, "Não vamos cansar vocês hoje com todos os nossos problemas negros. Se vocês nos ajudarem só com essa coisinha, não vamos falar sobre tudo o que está se passando."

Ted Burroughs: Se partirmos da sua análise, qual seria o modo geral de resistência? Como resistiríamos, física ou psicologicamente?

FW: Sua pergunta me faz admitir o seguinte. Sempre que uma pessoa negra fala com outras pessoas negras, incumbe àqueles que estão escutando decidir a utilidade daquela pessoa e quais aspectos da conversa tem a ver com seus problemas. Especificamente, acho que professores no geral são pouco qualificados ou até desqualificados para opinar sobre problemas de resistência. Eu sinto que quando Fanon fala do embranquecimento alucinatório - se você discursa que nem eu, ou que nem um afrocentrista, ou que nem um integracionista - que isso faz muita parte do que é ser professor. Eu tenho vontade de xingar as pessoas o tempo inteiro. Mas se eu fizer isso e quebrar as regras de decoro da Universidade da Califórnia, tendo contrato efetivo ou não, me jogam no olho da rua, não é? E isso limita o que posso falar. Então eu penso que o que eu tenho a oferecer não é uma solução. O que eu tenho a oferecer é uma análise do problema. E eu não confio em mim mesmo tanto quanto eu confio nas pessoas negras na rua. Tendo dito isso, essa é a primeira parte do problema.

A outra parte é que, como Saidiya Hartman já o disse, a libertação negra nos apresenta um tipo de libertação que é tão totalizante (isto é, aquilo que Fanon diz na página 100, citando Aimé Césaire: "o fim do mundo") que não consegue ser colocada na escala da linguagem política. Se eu estiver correto de que os negros não estão inseridos na exploração colonial ou no racismo, mas sim na morte social – o que não quer dizer que os negros não sofrem o racismo ou que os negros não são explorados, mas que, se isso acabar, nós ainda estaremos mortos socialmente – então acho que na verdade não temos um referencial político para lidar com isso. Estou escrevendo sobre isto agora[11]. As belas ações do BLA são maiores que os discursos marxista-

[11] N.T.: WILDERSON III, Frank B. "The Black Liberation Army & the Paradox of Political Engagement". In: *Postcoloniality – Decoloniality – Black Critique: Joints and Fissures.* BROECK, S., JUNKE, C. (eds.). Frankfurt: Campus Verlag, 2014. Disponível em: https://illwilleditions.noblogs.org/files/2015/09/Wilderson-Black-Liberation-Army-the-Paradox-of-Political-Engagement-2013-READ-.pdf/

leninista ou neo-afrikanista[12] pelos quais ele buscava entendê-las. Mas como já foi dito, um dos problemas do BLA sempre foi de que eles não eram somente coagidos pela polícia, mas pelos caprichos de aliados brancos radicais.

Quando Fanon diz que a pessoa negra é um "estímulo para a ansiedade", e que isso é muito diferente do judeu, já que este é um estímulo para a ansiedade por causa de x, y ou z: no mundo-fantasia do antissemitismo, o judeu ou a judia vai se dar bem nos exames universitários, ou não haverá nenhuma vaga para meu filho na universidade francesa, ou eles tomarão as rédeas da economia global, etc. Tudo isso, em que você pode dar voz à ansiedade deles, faz do judeu, do indígena, o sujeito pós-colonial, um objeto fóbico muito mais maleável que o negro. O Negro é um objeto fóbico, porque ele ou ela me colocam um problema que é além da linguagem, que não me deixa com nenhuma maneira de lidar com o que essa pessoa representa: ela é a antítese da Humanidade. E há momentos em que sentimos a natureza do problema mesmo se não conseguimos nos comunicar nesses termos nus e crus, e nos movimentamos. Acho que precisamos nos prender a esses momentos. E, a nível da nossa organização política, perceber também como que as nossas demandas são pequenas, quando comparadas ao nosso sofrimento.

Dr. Hate: Frank, ninguém está a fim de olhar para isso [risadas]. Porque eu acho que, bom, literalmente foi o que você falou – somos incapazes de desenvolver a articulação para falar do nosso sofrimento. Sou levado a pensar que, se reconhecêssemos esse tipo de sofrimento, ele não seria expressado com palavras ou pensamentos, mas através de um meio completamente diferente de expressão. Talvez seria algo como um corpo em implosão. Talvez se expresse agora através das nossas doenças, já que é uma questão de saúde. Talvez se expresse através de adaptações doentes ao terrorismo e à opressão. E talvez seja reconhecer que os que entre nós foram corajosos o suficiente a dar uma resposta, os que você citou, as Harriet Tubmans e o BLA, pessoas seguindo essa linha. Mas também é reconhecer que não dá para piorar, então tenho que lutar. E esse é o tipo de perspectiva que você tomou, quando você viu as pessoas lutando na África do Sul, e disse, "Eu tenho que lutar, porque essa é a única coisa que faria sentido e contribuiria alguma coisa com o mundo".

FW: Sim. Gostaria de dizer que, já que você é um psicólogo negro, e meu pai e minha mãe também são, de que precisamos ajudar no dia-a-dia. Se dou ênfase a um fim de mundo total – que é o que eu enfatizo – eu não quero que os ouvintes pensem que "Ah, então ele acha que o

[12] N.T.: O pensamento político vinculado à proposta República da Nova Áfrika, demanda mais radical de alguns setores do movimento negro americano nos anos 70 que estabelecia a criação de um novo Estado-nacional majoritariamente negro no sul dos EUA.

que eu faço é inútil ou não vale nada." O que eu acho que professores, psicólogos e jornalistas negros podem fazer é abrir um espaço para nós conversarmos sobre a impossibilidade da vida negra, e eu acho que isso é um ato revolucionário e muito significativo.

Penso que duas coisas sempre estão acontecendo. Os marxistas – e eu não sou contra o marxismo, eu acho que a exploração capitalista domina o mundo e sou contra – eu acho que, no entanto, todos esses grupos progressistas tomam uma orientação ao problema que faz duas coisas: primeiro, ela toma o lugar do assunto que estamos discutindo aqui; e, depois, ela controla o terreno do discurso político para eliminar qualquer oportunidade nossa para afirmar que não há nenhuma solução para o sofrimento negro que possa ser formulada. Eles falam: "Se não dá para pensar numa solução, é melhor não falar sobre o problema." Mas se der para criar o que Hortense Spillers chama de um "contexto intracavitário" [*intramural context*] para falar de como o problema hoje continua sendo igual ao que era em 1855, mesmo com tecnologias diferentes, então isso vale alguma coisa e consegue aproximar-nos ao próximo grande momento explosivo.

Dr. Hate: É verdade e as pessoas negras sabem disso, porque logo depois do tal episódio de Katrina, a tal Guerra da Costa do Golfo dos Estados Unidos, não respondemos. E dava muito medo de acompanhar ou não acompanhar, porque não havia a energia para reagir à violência repressiva, totalitária e avassaladora das autoridades estatal e federal contra as pessoas negras. Daí que o momento de Ferguson é bom; a luta tem se prolongado, no sentido que os atos e as manifestações têm durado mais do que o normal, e de que têm vindo de um lugar nos Estados Unidos ao qual não damos atenção desde, não sei, os motins em East Saint Louis em 1917.

FW: Exatamente.

Dr. Hate: Eu sei que a esquerda adora falar do Chefe de Justiça Taney e Dred Scott[13] e tudo mais, mas eu penso, tipo, "há motins acontecendo a quinze milhas de Ferguson dos quais deveríamos estar falando". Mas é a falta de reação que é o que me dá raiva. Então gosto da ideia de que é revolucionário só criar um espaço para lidar com isso.

FW: Um dos problemas com que precisamos lidar são as maneiras pelas quais a sociedade civil branca reacionária e a suposta sociedade civil progressista de cor realmente funcionam para

[13] N.T.: Referência à decisão Dred Scott de 1857, em que o então chefe de justiça Roger B. Taney julgou que a constituição estadunidense não outorgava direito de cidadania aos negros do país. O caso chegou à Suprema Corte do país quando Dred Scott, negro escravizado, processou em 1854 seu senhor quando juntos migraram do Missouri, então um estado que permitia a escravidão, ao território livre do Illinois, um "território livre", ou seja, que abolira a escravidão. Ao voltar ao Missouri, Dred Scott alegou que, tendo passado por território livre, tinha automaticamente sido liberto e não poderia ser novamente escravizado.

sufocar a compreensão da atual geração negra sobre o que aconteceu no passado. Por exemplo, agora, os pró-palestinos estão dizendo, "Ferguson é um exemplo do que está acontecendo na Palestina, e vocês estão sofrendo o que nós sofremos." E isso é uma mentira descarada. Primeiro, não existe nenhum momento em que a dominação escravocrata ou policial dos negros tenha acabado. Segundo, os árabes e os judeus são tão responsáveis pelo comércio negreiro – a criação da Negritude enquanto morte social – quanto qualquer outra pessoa. Como eu disse a um amigo, "Claro, vamos lhe ajudar a se livrar de Israel, mas no momento em que você se assentar, vamos derrubar vocês também, porque a antinegritude é tão central e necessária à formação da vida psíquica árabe quanto à vida psíquica judia."

De um ponto de vista anticapitalista, de um ponto de vista contra a supremacia branca, acho que os palestinos estão certos – provisoriamente – até conseguirem o que querem e daí estarão errados. Daí que eu sei que isso é uma coisa histórica: temos que nos lembrar um ao outro, temos que conhecer a nossa história em termos da escravidão e da nossa resistência, mas também de ter visão de raio-x, e dizer que só porque andamos de terno e gravata e somos professores e jornalistas, isso não significa que não sejamos escravos. Ou seja, temos que entender as coisas diacronicamente. E isso nos ajuda a colaborar com outras pessoas de cor, atacando o sistema junto com elas, mas ao mesmo tempo as ridicularizando pela escassez e pela limitação do seu desejo e da sua demanda.

E porque de fato sabemos que, uma vez que superem seus desafios, a antinegritude que os sustenta vai mostrar seu rosto terrível e vai se virar contra nós. Para que não criemos laços fortes demais com pessoas que acima de tudo estão usando a energia Negra para catalizar e alimentar sua própria luta. Em Ferguson dá para ver o problema: tantas pessoas na rua gritando, "Eu sou Humano!"[14] E aí que está: os sintomas de um reconhecimento negro de que há algo muito maior contra nós, mais do que a brutalidade policial, muito mais que a pobreza e a discriminação, e da qual ainda não somos conscientes.

Se você vai às ruas com raiva e chega um jornalista e enfia um microfone na sua cara e você grita "eu também sou gente!", o seu inconsciente está tentando dizer algo sobre a real natureza da sua opressão, algo que você mesmo não aguenta. E eu digo "você", mas também falo de mim mesmo, porque eu não gosto de pensar nisso o tempo inteiro e olha que eu trabalho com isso. Mas o que Ferguson permite é a abertura de um espaço em que jovens negros (jovens, principalmente, porque infelizmente tenho quase 59 anos e a maioria das pessoas da minha idade

[14] N.T.: Uma palavra de ordem muito ouvida durante as manifestações de 2014 em Ferguson era *I am human too!*, algo que em português seria melhor traduzido por "eu também sou gente!". Entretanto, preferimos uma tradução mais literal para deixar claro ao leitor a dialética que Wilderson enseja entre as figuras do Escravo e do Humano como partes essenciais para a compreensão da antinegritude moderna. Por esta mesma razão, quando se referem aos seus contrapontos conceituais, palavras como "negro", "escravo" e "humano" são deixadas em maiúsculas.

não está contribuindo com o debate do jeito que eu gostaria) podem sentir raiva e serem céticos e falar, "Peraí, eu não vou ficar esperando a permissão de Al Sharpton[15], que diz, 'não tumultue, porque isso não é sobre vocês'". Como assim isso não é "sobre nós"? E o que ele quer dizer com "não tumultue"? Ele realmente está lidando com essa situação ou é mais discurso para conter a raiva Negra?

JB: O que você acabou de falar é tão diferente do que muito do que a esquerda fala sobre Ferguson e no geral. Aplica-se também a muitos radicais com boas intenções, nesse país e pelo mundo todo. Também quando você fala que, como John Henrik Clarke colocava, que "africanos são um povo sem dívidas..."

FW: Sim.

JB: ...Tipo, não devemos nada a ninguém. Quando vem a oportunidade, todo mundo tem – de algum jeito ou outro e em certos casos de forma muito parecida – nos explorado de alguma forma ou outra, inclusive, como você acabou de falar, aproveitando-se, nesse país pelas suas próprias causas, da luta contínua de pessoas de descendência africana, pelo menos temporariamente, e quando resolvem seus problemas eles nos dão as costas e se juntam à longa linhagem de opressores antinegros. Eu quase não sei o que fazer com isso, porque uma das coisas que tem causado problemas a mim e a outros também, é que, quando vemos a condição dos negros nos EUA, não vemos ninguém nos ajudando, é como se tivéssemos que olhar mundo afora atrás de pessoas para formar alianças. E infelizmente somos abandonados novamente quando a antinegritude deles se estabelece de novo.

FW: Surgem dois assuntos aqui. E os dois são muito importantes. Um assunto é sobre…Olha, eu passei oito anos da minha vida trabalhando como corretor da bolsa de valores. E foram oito anos que desperdicei da minha vida. Mesmo assim, não consigo dizer à minha filha negra e à minha neta com sinceridade de que, se você renovar sua vida e for à África do Sul e se tornar um militante e revolucionário, que você verá o fim da morte social negra ou que você conseguirá escrever coerentemente sobre ela. O Jared Sexton uma vez apresentou um artigo e alguém foi falar com ele depois: "Você fala como se as pessoas negras não tivessem nenhuma razão para sair da cama." E ele respondeu, "Não, não é isso que falei no meu artigo. O que eu disse foi que pessoas negras não tem nenhuma razão *boa* para sair da cama."

[15] N.T.: Al Sharpton (n. 1954) é uma liderança negra muito criticada pelas alas mais radicais do movimento negro pela sua postura conciliadora e pacificista.

[Risadas]

FW: E eu tenho consciência disso quando engordo. Estou super deprimido. Eu tenho consciência disso quando tento emagrecer e fico pensando nesses assuntos. E encontro alguma alegria em pensar neles e discuti-los com outras pessoas. Mas minha oscilação de peso não significa que quando estou magro e doente de que o mundo melhorou para mim enquanto pessoa negra. Tenho que me lembrar que estou lutando por algo que não consegue ser articulado de forma coerente. Agora, eu acho que isso faz parte da nossa "educação política", por falta de um termo melhor. Então, sim, melhor militar do que desperdiçar oito anos na bolsa de valores.

Por outro lado, há uma razão pela qual Marx, no primeiro volume d'*O Capital*, não coloca o escravo enquanto o sujeito por excelência da libertação e sim o operário. Ele diz que o escravo é "um instrumento falante". Se isso estiver em conta – e não que eu sempre me pense assim, embora não sou ingênuo ao ponto de achar que exista algum tipo de pessoa, seja índio, latino, ou asiático, que me veja como algo além de um instrumento falante. Se eu lembrar que no inconsciente coletivo ou na economia libidinal do resto eu sou apenas um instrumento falante, então eu consigo me movimentar pelas minhas alianças com essas pessoas com um sentido mais amplo do ridículo, sendo dono tanto da minha solidariedade com elas quanto do meu antagonismo com elas, pronto para pular em cima delas quando conseguirem o que querem. Eu creio que isso contribui à minha sanidade, e talvez minha loucura também, já que quero fazer mais, mas acho que é algo importante.

Muitos anos atrás, logo antes de George Jackson ser assassinado, Angela Davis foi entrevistada por um jornalista que lhe perguntou: "George Jackson diz que os Estados Unidos são um Estado fascista. Você concordaria?" O importante aqui é a coisa que ela disse logo depois, porque esse momento é quando vemos como a psiquê negra é coagida pela hidráulica do terror. Ela respondeu, "se eu dissesse, como Jackson, que os Estados Unidos são um Estado fascista, o único jeito que eu teria de dizê-lo é se alguma força externa estivesse pronta para lidar com ele". E aí ela se referiu aos americanos e as forças aliadas que bombardearam a Alemanha nazista e a transformaram em outra coisa que não um Estado fascista.

O que eu estou tentando dizer é que – e isso acontece com todas as pessoas negras, inclusive comigo – você está diante de alguém que quer algo coerente, então Davis foi de uma questão puramente analítica – "Isto é fascismo?" – para uma mais parecida com a questão de Lênin – "O que fazer?". O que seu inconsciente fez naquele momento foi perceber que o fascismo no qual vivemos está para além do que eu consigo conceber como reparação. Assim, deixe eu corromper minha própria análise e dizer que não é fascismo, para que eu tenha algum

tipo de fala sobre o que deve ser feito. Ela se esquivou da questão, ou o inconsciente trocou entre a pura análise para o "deixa eu dar uma resposta!".

Passamos por esse tipo de coisa o tempo inteiro. Se conseguirmos ajudar as pessoas negras a continuar, como a Saidaya Hartman diz, "no porão do navio", isso é, num estado de pura análise, então poderemos aprender mais sobre a totalidade e a natureza totalizante da opressão negra. E, daí, começar a discussão sobre o que deve ser feito, percebendo que muito da nossa linguagem e dos nossos conceitos (o discurso pós-colonial ou marxista) faz parte dos problemas dos outros, problemas que podem ser resolvidos. E que nunca chegaremos àquilo que resolve o nosso problema – porque aquilo já está lá no Fanon: o fim do mundo – porque pelo menos se não tivermos a estratégia e as táticas para o fim do mundo, não teremos alterado e corrompido nosso espaço de pura análise para articulá-lo com algum tipo de projeto político.

JB: Eu gostaria de voltar para o tema da união interracial/étnica/geográfica. O que você está defendendo faria alguns esquerdistas ficarem arrepiados. Tipo, "Peraí, não podemos só fechar nossos olhos e nos unir aos palestinos?" Como que você lidaria com a resposta previsível do aluno em sala de aula ou o militante que, em uma manifestação, diz, "Isso é loucura. Temos que, por necessidade, tentar expandir nossas relações, porque ninguém vem nos salvar. Ninguém vai bombardear esse país e transformá-lo numa democracia, ou vai bombardear esse país para transformá-lo em uma comunidade que, se não inteiramente pró-negra, pelo menos não tão antinegra". Então o que fazemos?

TB: Parece que o que você está dizendo é que nossa frustração com as coalizões é psicologicamente normal e saudável.

FW: Com certeza. Porque a coalizão é, desde o início, uma formação antinegra. É só isso, só que ela ainda não o percebeu. Mas se você participar o suficiente dela, você percebe.

JB: Eu já passei por uma situação semelhante. Sabe, você procura juntar-se à ISO[16] ou outro grupo branco de esquerda, ou um grupo-arcoíris, e você começa a percebê-lo. Muita gente já teve essa experiência de militância com brancos radicais. Mas aqui você adiciona árabes e palestinos, e você vai, com razão, botar medo nas pessoas. E eu concordo totalmente com o que você diz, mas como que eu discutiria com as pessoas que não concordariam logo de início?

[16] N.T.: A ISO, ou *International Socialist Organization* ("Organização Socialista Internacional") foi uma organização trotskista estadunidense fundada em 1976 e dissolvida em 2019. Tinha presença no movimento estudantil universitário.

FW: Uma das coisas que vão lhe dizer – mesmo se não for nestas palavras, que continuam sendo o modelo pelo qual eles tentam disciplinar pessoas negras –, por exemplo, Sartre o disse ao movimento Négritude e ao Fanon – é: "sabe, essa coisa toda sobre negritude, ela é muito estreita, e não lhes permite ver o contexto mais amplo." E aí nos sentimos mal, porque não queremos ser estreitos ou ser pessoas que não veem o contexto mais amplo. A política e a luta são feitas disso; ou seja, desenvolver uma teoria de luta que pode ser generalizada. Agora, exige certo trabalho e o trabalho a nível intelectual é difícil, mas provavelmente é mais difícil a nível emocional e talvez você não aguente mesmo…

Mas uma das coisas que eu diria a essa pessoa é: "como que o paradigma do colonialismo, ou o paradigma do marxismo, é mais essencial que o paradigma da antinegritude e da morte social?" E isso é muito difícil para militantes americanos, porque os militantes americanos não leem, eles só perguntam, "Quebramos as vidraças do Starbucks ou não quebramos as vidraças do Starbucks?" Esse é o nível e o escopo da sua política intelectual. Então o que eu faço é transferir a demanda para o outro, para que ele me explique na verdade o seu próprio aparato teórico. Não só para me explicar o que tal ação em tal momento fará. E normalmente quando isso acontece, você descobre que o aparato teórico dessa pessoa funciona em por volta de quatro linhas.

Uma seria a linha pós-colonial: "meu aparato teórico é que a colonização fez x, y e z"; ou, "o capitalismo no sítio da relação assalariada universalmente explora todo mundo"; ou, "ecologicamente, não teremos nenhum mundo se x, y ou z acontecer", ou, "todos nós sofremos sob o patriarcado." Mas se você perguntar, "como que os negros viraram parte do Nós?", algo quebra, porque a estrutura de seu desejo é formulada por uma concepção de comunidade que é *a priori* antinegra. Eles não estão, na verdade, pensando a partir de como sofremos. E, de fato, seus projetos políticos podem até abrir algum espaço e intensificar nosso sofrimento, ao parasitarem nossa incapacidade comunicativa e a energia Negra que lhes emprestamos e que acabam por impossibilitar a análise pura.

Mas há uma razão para que a discussão chegue a este ponto: eles não podem nos encarar e dizer, "eu, no meu ser, sou anti-ético." Eles diriam, ao contrário, "Não! O afropessimismo e aqueles momentos que não podem ser resolvidos na escrita de Fanon, por exemplo, todos sugerem que eu sou tanto o antagonista como o policial ou o capitalista, que eu sou anti-ético no meu ser. E eu me recuso a acreditar nisso! Você, negro, é obrigado a me mostrar que sou anti-ético nas minhas ações." Mas essas pessoas não teriam o mesmo nível de exigência com nenhum outro paradigma de opressão. Não diriam que os brancos franceses na Argélia devem ser destruídos, porque são anti-éticos nas suas ações; diriam que devem ser destruídos, porque estão presentes, porque continuam *aqui*. Não diriam, "Bom, sabe, há capitalistas bons e alguns

capitalistas ruins." Eles diriam, "o capitalista enquanto categoria deve ser destruído". O que enlouquece numa análise da antinegritude é que ela se aplica à categoria do Humano, o que significa que eles tem que ser destruídos irrelevantemente das suas ações, da sua moralidade e que eles exercem um poder que é completamente anti-ético, não importa o que façam. Mas isso não acontecerá por vontade própria. Pois – o que estão tentando fazer? Estão tentando construir um mundo melhor. E o que nós estamos tentando fazer? Nós estamos tentando destruir o mundo. São dois projetos irreconciliáveis.

Olha, eu também passo pela frustração da Angela Davis quando o jornalista europeu fala, "Você poderia falar do fascismo?" Nós sempre estamos calculando: "Quanto que a pessoa não-negra na nossa vida aguenta? Quanto disso que eu consigo aguentar?" E se você não fizer esse cálculo, você não tem emprego. [Risadas]

JB: Ou você morre.

FW: Exatamente. Acho que se a gente achar uma linguagem para esse paradoxo, talvez algo belo surja dele. Não estou muito bem ultimamente, mas uns alunos meus foram para Ferguson com a caravana da Califórnia. Gostaria de ter ido com eles. De qualquer jeito, eu estava conversando com eles sobre o quanto me frustrava a reação negra. Mas eu a estava acompanhando pelo *Democracy Now!* e meus alunos me disseram, "Não! Não é isso que está acontecendo! Havia uma tensão real entre os pastores tentando nos acalmar e a juventude negra que queria enfrentar diretamente a polícia!" Houve toda uma discussão sobre o sofrimento negro que não se acompanhava, que não estava sendo *canalizada*. E quais são os maiores canais? Os maiores canais para este tipo de coisa estão na Pacifica[17], que é a melhor opção que temos.

Mas apesar disso – e contra nós – orienta a discussão fazendo analogia do sofrimento negro com outra coisa e isso não faz sentido nenhum. As economias libidinais [da supremacia branca contra os negros, *versus* da supremacia branca contra indígenas ou pessoas do Oriente Médio][18] não conseguem ser conciliadas, mesmo se a violência for parecida. O que meus alunos estavam me dizendo era que havia nas ruas um tipo de coisa que não se via nem na mídia de esquerda: a emergência de uma juventude negra que está apta a viver com, articular e debater esse paradoxo. E se conseguirmos articulá-lo, poderemos, sabe, lutar pelas retomadas de terra indígena, pelas *green cards*[19] e pelos imigrantes, e por todas as demandas que ajudam a sociedade civil e ao mesmo tempo, reconhecer que são nossos próximos alvos.

---

17 N.T.: Pacifica é uma rede de mídias alternativas nos EUA, algo parecida à Mídia Ninja e semelhantes no Brasil.
18 N.T.: Trecho inserido na transcrição original para fins de clareza do texto.
19 N.T.: *Green card,* literalmente "cartão verde", é o nome coloquial dado aos cartões de residência permanente para imigrantes nos EUA.

TB: Então para você não existiria nenhuma demanda negra que outro Humano ouviria? Ou que não tem essa de demanda negra, porque negros não são seres Humanos então não podem ter demandas na psicologia coletiva... O que você quer dizer?

FW: Acho que um pouco de cada uma. Na retórica, existem leis discursivas que uma demanda deve seguir para ser ouvida. O ouvinte tem que reconhecer e incorporar as coordenadas espaciais e temporais da sua demanda. Por exemplo, uma pessoa indígena no Canadá pode dizer, "Botaram meu filho nas escolas indígenas e vinte anos depois volta sem nossas língua e tradições". E o governo canadense responde, "Sim, mas o fizemos para seu próprio bem". O que se passa é uma instância de opressão pós-colonial, mas ainda existe o reconhecimento e a incorporação, porque o governo canadense está admitindo que "Sim, seu filho tinha uma língua e uma cultura, coordenadas temporais que eu reconheço". E o mesmo com os palestinos: "Eu possuía esta terra que foi perdida. Eu tinha uma plenitude anterior, um ponto anterior à Israel quando eu possuía integridade espacial." E o exército israelense dirá, "É verdade, mas mandamos em você de qualquer jeito". Então sim, é horrível, mas o que acontece é que ainda existe o reconhecimento das coordenadas espaciais dessa demanda. Não existe uma pessoa negra que faça uma demanda espacial ou temporal que seja ouvida, porque o inconsciente coletivo não está pronto para aceitar que pessoas negras possuíam algo que foi expropriado, o que quer dizer que o inconsciente coletivo não está pronto para aceitar que Negros são Humanos. Se isso acontecesse, o inconsciente coletivo diria a si mesmo, "Tá, se eu politizar as demandas dos Negros, se eu reconhecesse o corpo Negro, ele seria um corpo que perdeu algo, enquanto agora na minha mente o corpo Negro é só 'Carne'"[20], um espaço e um tempo da ausência. Se eu reconhecesse o corpo Negro como algo que perdeu algo que possuía antes da minha opressão, então o que isso significa? Significa que eu perco minha integridade como humano."

Como Jared Sexton disse sobre o movimento bi-racial, o que o torna coerente não é o que diz sobre si mesmo, ou seja, "nós somos mestiços", mas o que diz sobre o que não é, ou seja, "não somos Negros". Se a Negritude invade o bi-racialismo, se a Negritude invade o pós-colonialismo, aí estas coisas perdem sua capacidade mais essencial. Estamos de frente com o fim do mundo. Não podemos ser ouvidos. Então, por que reagem contra nós? Por que oferecemos um discurso que se opõe aos seus discursos, como o comunismo se opõe ao capitalismo, ou o pós-colonialismo se opõe ao colonialismo? Não. Eles reagem por causa do perigo do nosso movimento. É a massa de jovens negros em Ferguson e não os discursos de políticos negros – e

[20] N.T.: Ver SPILLERS, 1987.

certamente não de pastores negros – que causa uma reação. A reação expressa o medo da violência negra. Mas isso não significa que reagiram ao nosso discurso ou à nossa Humanidade. Reagiram à nossa ameaça.

Dr. Hate: O serviço que dá para fazer no consultório é uma coisa importante. Mas no momento que saímos dele, damos de frente para a polícia, por uma sociedade perfeitamente contente com a nossa morte.

FW: Mesmo os sociólogos que não concordam com as minhas conclusões afropessimistas mostraram que hoje em dia estamos mais cativos do que na década de 1860. Aparentemente, uma de cada seis pessoas negras está encarcerada de alguma forma. É uma pandemia. Vivemos mais acorrentados hoje – seja presos, de tornozeleira eletrônica, em centros de reinserção social – do que no começo do século XIX. Pense nisso quando alguém falar que houve progresso.